

UMA INTERROGAÇÃO ÉTICA DA VIDA*

Inácio Strieder**

1. Preâmbulos

Em 02 de agosto de 1999, Leonardo Boff lançou no Recife seu último livro “Ética e Vida” (Brasília, Editora Letraviva). Na dedicatória que me fez, escreveu:

“Inácio: opte pela vida e viverás muito”.

Poucos dias antes (22/07/1999), eu havia retirado da Internet um comunicado dos dominicanos de São Paulo. Um comunicado que convidava para a celebração dos 25 anos do martírio de Frei Tito de Alencar Lima (o frei Tito, que foi torturado pelos agentes da ditadura e depois se suicidou na França). O texto do convite começava com uma frase do próprio frei Tito, que dizia:

“É preferível morrer do que perder a vida”.

E o texto continuava:

“(sua vida) âmago de sua alma. Como fiéis guardiães de um sistema iníquo,

* Palestra proferida na XX Semana de Filosofia da UNICAP, Recife, em 19/10/1999.

** Inácio Strieder é Professor de Ética nos cursos de Graduação e Mestrado em Filosofia da UFPE.

delegados e militares esvaziaram a humanidade do jovem dominicano. Destruíram-lhe o universo psíquico, roubaram-lhe a paz, inocularam em sua subjetividade o veneno do medo e da angústia, profanaram seus símbolos religiosos, fizeram-no órfão de sua própria loucura, viraram-no pelo avesso. Como fruta madura ele foi sugado até que restasse apenas o bagaço triturado. Deixaram-no sobreviver para que experimentasse o horror de si mesmo”.

Cito estes dois textos, o de Leonardo Boff e de frei Tito, pois neles se manifestam dois aspectos da “ética da vida”. O livro de Leonardo Boff se preocupa, principalmente, embora não exclusivamente, com as questões biológicas da vida: a ética ecológica e a bioética, num sentido universal. Neste sentido, inclusive, propõe um novo imperativo categórico para o **ethos** da humanidade de hoje. Este imperativo categórico, para Boff, deveria ser formulado da seguinte forma:

“Viva de tal maneira que não destruas as condições de vida dos que vivem no presente e as dos que vão viver no futuro. Ou positivamente: viva no respeito e na solidariedade para com todos os companheiros de vida e de aventura terrestre, humanos e não humanos, e cuide para que todos possam continuar a existir e viver, já que todo o universo se fez cúmplice para que eles existissem e vivessem e chegassem até o presente.”

Fica claro que o imperativo categórico de Boff tem como horizonte a ética ecológica e a bioética. A referência a frei Tito nos lembra muito mais os conteúdos, as condições e o sentido da vida individual. Nesta perspectiva se deve entender a exclamação angustiante de Tito: “é preferível morrer do que perder a vida”.

Temos, portanto, diante de nós duas perspectivas de abordagem das interrogações éticas da vida:

- 1) A perspectiva biológica;
- 2) A perspectiva do “como” viver.

Os antigos gregos tinham dois conceitos para diferenciar estes dois níveis de consideração sobre a vida: **Bíos** e **Zoé** - a vida ética em sua dimensão biológica; e a vida ética na perspectiva das condições necessárias para uma vida com qualidade. Naturalmente, tanto num como noutro aspecto, quando se trata de interrogações éticas, sempre deverão ser perguntas relativas à vida humana. Pois, segundo Kant, as questões morais (ou éticas) sempre são questões antropológicas. Portanto, a “ética da vida” sempre será uma ética da vida humana.

Como o título da minha palestra é “**uma interrogação ética da vida**”, pretendo, agora, me deter em algumas interrogações éticas que se referem, respectivamente, ao nível de nossa vida “biológica”, e depois interrogações relativas à “qualidade da vida” humana.

2. Interrogações Éticas Relativas à Vida Biológica do Homem

Sob o aspecto biológico, podemos afirmar que o homem é um ser relativamente bem sucedido. Na semana

passado (11.10.99), a ONU anunciou ao mundo que a terra atingira os 6 (seis) bilhões de habitantes. Certamente um sucesso de reprodução e de conservação da espécie humana na terra. Sem dúvida os progressos da medicina contribuíram, em muito, para chegarmos a estes seis bilhões. Os remédios, as vacinas fizeram as epidemias regredirem; a mortalidade infantil já é menor, e a vida média das pessoas aumentou sensivelmente em quase todas as partes do mundo. Embora ouçamos ainda, todos os dias, rumores de guerra, na verdade as guerras já não interferem mais tanto no controle do número de habitantes, como antigamente. Mas, esta generosa presença do homem na terra suscita interrogações éticas totalmente novas, e exige uma fundamentação nova das respostas éticas dadas a questões antigas. Vejamos.

Hoje se tornaram cruciais as perguntas:

Como devemos usar os recursos da terra para conservar a vida de tantos viventes? As fontes de recursos da terra são ilimitadas? Como produzir suficientes alimentos? Quais os alimentos que devem ser produzidos? Destas questões, e de outras, nasceu a **ética ecológica**. Na verdade, a ética ecológica nos oferece um leque enorme de problemas a considerar, como: a poluição do ar, da água e da terra; o uso de inseticidas, de herbicidas; o uso de produtos químicos como adubos, conservantes, corantes, antibióticos; a química dos alimentos; a devastação das florestas; a conservação dos sistemas ecológicos; a biodiversidade etc. etc. Em sentido positivo poderíamos resumir estas interrogações na questão: como o homem deve agir para fortificar, conservar e defender a sua vida biológica?

Das novas interrogações éticas, em nosso tempo, nasceu também a **bioética**. Em relação às interrogações éticas provenientes da bioética, o homem de hoje ainda está

um tanto perplexo. Os cientistas nos mostram hoje as múltiplas possibilidades de interferir nas estruturas da vida. E alguns homens, cautelosos (ou medrosos), até pensam que o homem está querendo “brincar de Deus”, e isto gostariam que fosse proibido. Penso que os filósofos não deveriam se assustar, nem escandalizar, diante das “n” possibilidades de manipulação da vida que hoje os homens têm em seu poder. A nossa função é nos admirarmos diante destas maravilhosas potencialidades da natureza viva e participar ativamente nos debates sobre questões de bioética.

Naturalmente, muitas interrogações éticas, neste campo, ainda não têm respostas definitivas. Por isto, em alguns, ainda existe uma certa perplexidade. Só para exemplificar. Estes dias assisti a uma palestra de um professor de medicina na UFPE. Este professor mencionou o caso dos porcos e das ovelhas “humanizados”. São porcos e ovelhas que receberam material genético humano com o fim de produzirem, futuramente, órgãos possíveis de serem transplantados para seres humanos. A expectativa é que, daqui a mais alguns anos, teremos transplantados com coração e estômago de porco, com fígado de ovelha etc. Mas o problema mais grave que o conferencista se colocava era: como deveriam ser avaliados estes animais humanizados? Teriam eles psique, ou continuariam eles como puramente animais?

No nível do bioético as interrogações realmente se multiplicam. Afinal, o que é permitido eticamente fazer, em relação à manipulação de embriões humanos? É aceitável a venda de sêmen humano? O que dizer da inseminação artificial (*in vitro*); da inseminação heteróloga (o caso do casal em que o marido é estéril e a mulher é inseminada com o sêmen de outro homem); as barrigas de aluguel; a “produção independente”, à moda Xuxa? O que

a ética permite, manda ou repudia em relação ao controle da natalidade, da esterelização, do aborto, da eutanásia, da prolongação artificial da vida, dos transplantes? Aqui também cabem as questões éticas relativas às plásticas, às mutilações, à pena de morte, às guerras, à clonagem, às relações sexuais estéreis entre *gays*, entre lésbicas, e muitas outras. Vale a pena lembrar as polêmicas surgidas há pouco tempo nos Estados Unidos e na Alemanha, quanto à manipulação e interpretação da genética humana. A Universidade de Western Ontario quis excluir o Professor Jean-Philippe Rushton do mundo acadêmico por causa de suas teorias raciais, e sua tentativa de reabilitar a “ciência das raças”. Rushton argumenta que a evolução fez os povos africanos e seus descendentes menos inteligentes, mais violentos e mais promíscuos do que os povos europeus e asiáticos. O seu modelo de raça se fundamenta na divisão da humanidade em três raças principais: a mongolóide, a caucasóide e a negróide. Isto faz com que, em todos os arquivos, se possam verificar dados diferentes para cada uma destas raças. Segundo Rushton estas diferenças se referem ao grau de QI, às estatísticas de crimes, à quantidade de adênticos, ao tamanho do cérebro e ao comprimento do pênis. Os africanos, conclui Rushton, investem em ter uma prole numerosa, mas não em criá-la. Nos climas mais frios da Ásia e da Europa as famílias investem em criar os seus filhos numerosos. As populações da Ásia Oriental foram contempladas assim com o maior cérebro, mas com o menor pênis; os africanos, ao contrário, são a raça menos inteligente, mas com a sexualidade mais exaltada. Defendendo estas idéias, Rushton é suspeito de nazismo, de ofensivo aos direitos humanos e de não científico. Mas a chamada **sociobiologia** e a **biogenética** não consideram finalizada esta polêmica.

Quanto à Alemanha, saiu no **Caderno Mais da Folha de São Paulo**, em 10 de outubro p.p., uma entrevista com o filósofo alemão Peter Sloterdijk, com o título: **Zoopolítica**. Sloterdijk é autor do livro “**Crítica da razão cínica**”, um livro publicado em 1983, muito apreciado na Alemanha e traduzido em 10 idiomas. A polêmica em relação a Sloterdijk surgiu porque, em julho de 1999, ele deu uma conferência, com o título “**Regras para um parque humano – Uma resposta à carta de Heidegger sobre o humanismo**”. Nesta conferência Sloterdijk abordou a crise do humanismo ocidental e a delicada questão da programação (ou seleção) genética de seres humanos. Esta conferência abriu duas frentes de discussão filosófica. A primeira se refere à seleção genética; a outra ao “esgotamento” da Teoria Crítica da Escola de Frankfurt. Sloterdijk defende que a filosofia humanista ocidental visou ao longo de sua história criar um “parque”, e ele fala em parque em analogia ao zoológico, onde, de um lado, haveria os seres humanos a serem “cultivados/selecionados”, por não serem sábios, e de outro, os próprios sábios, que estariam habilitados a dirigirem a vida dos primeiros. Hoje a engenharia genética nada mais seria do que este humanismo em sua face mais ativa e poderosa, buscando a técnica de aperfeiçoamento do homem. Os alemães se assustaram com as idéias de Sloterdijk, recordando as experiências genéticas dos nazistas. O filósofo Habermas também se sentiu atingido com as referências à Escola de Frankfurt, advertindo que Sloterdijk estaria “jogando areia nos olhos das pessoas” fazendo se passar por inofensivo “biomoralista”. Sloterdijk respondeu a Habermas de que ele estaria se assustando porque não quer se lembrar de sua juventude nazista. E diz que a reação às suas idéias foi tão forte na Alemanha,

porque os alemães sempre precisam ter um medo. Como não precisam mais ter medo da URSS, vêm agora um perigo assustador na biogenética, como se a biogenética fosse capaz de transformar o homem em um monstro pós-humano. Como se, de repente, os homens como criadores de outros homens fossem brincar de Deus.

Diante das críticas, Sloterdijk diz que sempre defendeu que se instituísse um “códex das técnicas antropológicas” para que se soubesse o que é permitido e o que não é permitido na biotecnologia. Em princípio deveria ser legítimo tudo aquilo que ajuda aos homens a reduzir os riscos de vida. Por exemplo, evitar doenças graves hereditárias. Ilegítimo tudo que favorecesse uma biopolítica elitista para grupos não solidários. Mas a polêmica biogenética apenas está começando, e teremos ainda muitas questões éticas a equacionar no futuro.

Naturalmente, a bioética também trata da interferência do homem na genética das plantas e dos animais, na medida em que isto afeta o homem, como, por exemplo, no caso dos alimentos transgênicos... Mas deixemos o detalhamento destas questões de lado, do contrário ficaríamos só nisto. Penso, inclusive, que as principais interrogações éticas sobre a vida, para nós filósofos, não estejam nem na área da ecologia, nem na bioética, mas no segundo item que apontei no início: “**a qualidade ética da vida humana**”. Claro, esta qualidade de vida não é independente da ecologia e da bioética. Mas, no meu entender, as questões da ética ecológica e da bioética só têm sentido na medida em que estão a serviço, ou des-serviço da qualidade de vida do ser humano. Entro, então, agora nas:

3. Interrogações Éticas da Vida Humana sob o Ponto de vista da qualidade de Vida

Segundo Heidegger o homem é “um ser para a morte” (*Sein zum Tode*) e, segundo Sartre, a nossa vida é “uma paixão inútil”. Estas são, naturalmente, expressões fortes e caberiam melhor no nível do biológico, do que do qualitativo da vida. Pois, no nível biológico, de fato, a nossa vida, em última análise, é um fracasso que acaba na morte. Mas, no nível do qualitativo, a nossa vida é um Dom, o Dom mais precioso que nos foi dado e nos coloca num universo humano, em que existe uma dinâmica de vida com potencialidades surpreendentes, de consciência, de racionalidade; com desejos, paixões, idéias e ações que nos elevam à consciência de um “estar-aí para a vida” (*Dasein zum Leben*). Diante de seu Dom da vida, o homem se percebe responsável, com a consciência de que poderá ganhar ou perder a vida. São dois caminhos que todo homem encontra diante de si. E, em grande parte, depende dele o caminho que pretende trilhar em sua vida.

Quando os gregos falam da vida humana, não pensam simplesmente no **bíos**, mas na **zoé**, isto é, numa vida boa e bela; uma vida feliz; uma vida virtuosa; uma vida tranqüila, verdadeira e com sentido. Os estoicos querem uma vida vivida segundo a natureza, isto é, segundo a razão. Somente com este objetivo a vida humana atingiria a sua finalidade. A grande pergunta é: como organizar a vida para que ela possa ser bela, boa, feliz, verdadeira e plena. É desta interrogação que nasce a filosofia do **ethos**, da ética. Este **ethos** se torna, por assim dizer, a “casa do homem”, onde se instala a ética do **oikos** e a ética da **polis**. Desta forma o homem somente viverá bem se seguir um **ethos**.

Desde Sócrates a “casa ética” do homem ,onde se efetivará a sua vida boa , é a **polis**.

Tanto Platão como Aristóteles vão mostrar que a garantia de uma vida plena na **polis** depende de uma série de condições pré-éticas. Na **República** e nas **Leis**, Platão ensina que, para haver ética e harmonia numa sociedade, é preciso que haja uma certa igualdade entre os cidadãos. Além disto, o governo deve preocupar-se com a identidade dos cidadãos, com o número de cidadãos numa comunidade, com o tamanho das propriedades, com o trabalho, com a segurança, etc. Para Aristóteles a ética não é uma disciplina **noética**, isto é, teórica, mas uma disciplina **poiética**, isto é, prática. E assim, a ética, para Aristóteles, simplesmente é uma preparação para a vida na **polis**. Para que esta vida seja boa, bela, justa e plena é preciso que ela se oriente por hábitos éticos. Estes hábitos se adquirem pelo exercício das virtudes. Mas as virtudes não se firmarão se não existirem as condições pré-éticas. Se o cidadão não tiver acesso à comida suficiente, se não possuir um certo grau de saúde, se carecer das necessidades básicas de sobrevivência, ele não se portará eticamente na **polis**.

Esta exigência platônica e aristotélica de condições pré-éticas para uma vida ética, certamente, devem ser consideradas se queremos uma sociedade ética. Desta forma, um povo onde não existem mecanismos efetivos de justiça se transformará num bando de bárbaros, em que as paixões sufocam a razão. Por isto, uma interrogação ética da vida nos leva a perguntar: em que nível se encontram as condições pré-éticas em nossa sociedade? Qual o nível da racionalidade, como andam as paixões, os desejos, os interesses dos cidadãos? Como anda a educação, a saúde, a alimentação, a habitação? Como são tratados os idosos, as crianças? Em que pé anda a justiça, a impunidade, a

corrupção? Os cidadãos estão esperançosos de melhorar a sua vida através do trabalho? E assim poderíamos prolongar os nossos questionamentos. Quem acompanha a imprensa diária, certamente, já possui as respostas para tais questionamentos. Apenas gostaria de fazer menção de alguns dados.

No Jornal do Commercio (Recife) do dia 16/10/1999 está uma pequena nota (p.09), que diz:

“Miséria: três bilhões dos 6 bilhões de habitantes do planeta sobrevivem com menos de US\$ 2,00 ao dia. Para alertar sobre o problema, a ONU instituiu o dia 17/11/1999 como o Dia Mundial contra a Miséria. No Terceiro Mundo, onde vive a maioria da população, mais de 800 milhões de pessoas passam fome”.

Frei Betto, em seu artigo “**Panorama visto de sob a ponte**”, enviado à imprensa no dia 12.10.99, diz:

“Arthur Miller, escreveu, em 1955, a peça Um panorama visto da ponte. O panorama brasileiro é visto debaixo da ponte: o crescente número de pessoas nas ruas. Segundo o Ipea, 85 milhões de brasileiros estão abaixo da linha da pobreza, ou seja, com renda mensal inferior a R\$ 132 mensais. Dados oficiais indicam que 28,7% dos brasileiros vivem com menos de um dólar por dia, e mais de 3,2 milhões de trabalhadores são obrigados a ter mais de uma atividade remunerada, devido aos baixos salários. Entre os 18,5

milhões de aposentados, 11 milhões ganham apenas um salário mínimo por mês, e 5,2 milhões continuam no mercado de trabalho, pois a quantia que recebem do INSS é cada vez mais reduzida. E 8 milhões de pessoas estão desempregados... Um bebê nascido hoje no Brasil tem 30% de chances de não ser registrado, 21% de probabilidade de ter pais analfabetos, e só 7% de viver numa família com renda mensal superior a 20 salários mínimos, de acordo com a Unicef... Causa horror à elite ver a plebe reagir, organizar-se, reivindicar direitos e cidadania. À marcha de latifundiários caloteiros, em agosto, todo destaque na mídia. À marcha dos sem-terra... a censura no noticiário...”.

E assim poderíamos continuar a citar estatísticas escabrosas de nossas condições pré-éticas não satisfeitas. Que dizer de nossa justiça e de nossos juízes, que mandam a polícia expulsar violentamente cidadãos miseráveis, batendo em mulheres e crianças, que construíram seus barracos em terras desocupadas e, muitas vezes, baldias? Não deveriam estes promotores da justiça, primeiramente, exigir dos governantes que indicassem um lugar adequado para estas pessoas morarem com dignidade? E a vergonha de nossas prisões e de nossas febens? Tudo isto é eticamente insustentável e fere qualquer compreensão de vida civilizada.

Por causa desta situação escabrosa das condições pré-éticas no nosso “mundo brasileiro da vida” proliferam em nosso meio, como consequência lógica, todos os tipos de

desvios éticos: a violência do dia-a-dia, os abusos policiais, a corrupção dos juízes, a capacidade de deputados serrarem seus desafetos com serra elétrica (leia-se Hildebrando Pascoal), homicídios, seqüestros etc. etc. Tudo isto dando-nos a impressão que nos encontramos numa guerra civil, não declarada, caótica, sem coordenação, nem objetivos. Com isto cresce o medo, a angústia e o desespero dos cidadãos que se querem pautar por princípios éticos. O que, sem dúvida, fragiliza o vigor da vida em geral.

Mas basta de menções a uma vida impedida de crescer, por falta de estrutura, ou de hábitos éticos. Ninguém pode negar a crise. Mas as crises não estão aí para nos derrotarem. É preciso enfrentá-las. E, como filósofos, deveríamos nos alegrar, pois temos diante de nós muito trabalho: a nossa contribuição na construção de uma sociedade com condições de uma vida ética melhor.

Cristóvam Buarque, ex-governador do Distrito Federal, declarou, há algum tempo, que o Brasil precisava de um “choque ético”. Não acredito que este seja o caminho que vai solucionar o problema. Pois, não acredito que “choques” ou “campanhas” produzam efeitos duradouros. É preciso iniciar um processo civilizatório, ou de “etificação” da sociedade. Este processo não pode consistir, simplesmente, num projeto de “amansa Brasil”. Mas consistirá, principalmente, em colocar em termos as condições pré-éticas de uma vida ética, como: justiça, equidade na distribuição dos bens, desenvolvimento humanitário, educação, etc. E neste processo ético é preciso fugir desta ideologia de morte, que de todas as formas nos querem impor, que é a “globalização neodarwiniana”. As armas ideológicas da “globalização” são as armas da morte, e não da vida. A ética deve ser primordialmente uma ética do próximo, do rosto do outro, conforme pensa o filósofo

francês Lévinas. Não podemos pensar apenas numa ética mundial, ou globalizada. A vida do ser vivo sempre é individual. O homem genérico não existe. O engajamento ético efetivo sempre será um engajamento pelo homem concreto, pela pessoa numa determinada situação. Por isto, se quisermos ser éticos em nossa vida é preciso, em primeiro lugar, olhar ao nosso redor para percebermos as condições éticas de nosso “mundo da vida”. E neste ambiente nossa vida deve ser um “estar-aí” para a vida, e não um “ser para a morte”. E se a nossa vida não conseguir ser um “estar-aí” para a vida a estamos perdendo. E, neste caso, valeria a expressão de frei Tito, que citei no início da palestra: “é preferível morrer do que perder a vida”.

Para finalizar, penso que, quando o diálogo, a justiça e a solidariedade estiverem na base de todos os nossos relacionamentos, nascerão e se multiplicarão os gestos concretos, que farão de nossa vida um exemplo de vida boa e bela, de uma vida humanizada. E este deveria ser o nosso objetivo.

Referências Bibliográficas

- BOFF, Leonardo. *Ética e Vida*. Brasília, Letraviva, 1999.
- BRÖKER, Werner. MOLINSKI, Waldemar. *Leben*. In: *Herders Theologisches Taschenlexikon*, v. 4, Freiburg-Herder, 1972, p. 278-288.
- HINKELAMMERT, Franz J. *Las armas ideológicas de la muerte*. Costa Rica, EDUCA, 1977.
- PONDE, Luis Felipe. Zoopolítica. In: *Jornal Folha de São Paulo, Caderno Mais*, de 10/10/1999.
- RAD/BULTMANN/BERTRAM. *ZOÉ*. In: *Theologisches*

Wörterbuch zum Neuen Testament, V. II, Stuttgart, Kohlhammer, 1935, p. 833-877.

- SOUZA, Luis Alberto Gómez de. La dimension social del Derecho a la vida. In: *Hugo Assmann (ed.). Carter y la logica del Imperialismo, tomo II*, Costa Rica, EDUCA, 1978, p. 355-365.